

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



**Identidade e relações raciais e de gênero na educação infantil - uma análise do  
documentário *Parece Comigo* (2016)**

**Mariana de Macedo Bastos**

BRASÍLIA, 2023.

**Mariana de Macedo Bastos**

**Identidade e relações raciais e de gênero na educação infantil - uma análise do  
documentário *Parece Comigo* - 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília como requisito  
parcial para a obtenção do grau de  
licenciado/bacharel em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Melo  
Barbosa do Nascimento

**Aprovado em:**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Renata Melo Barbosa do Nascimento – FE/UnB  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Marjorie Nogueira Chaves – CEAM/UnB  
Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Andrea Cristina Versuti – FE/UnB  
Examinadora

BRASÍLIA, 2023

*Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus pelo dom da vida, pela sabedoria e pela presença constante em minha vida não me deixando desistir frente aos obstáculos.  
À minha Mãe, Eva Alves de Macedo, que é um exemplo de mulher, que sempre me aconselhou e me incentivou nos momentos de dificuldades desta jornada*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, aos professores e mestres pelo ensinamento passado nesses anos de curso, por todo o incentivo e pelas lições dadas e atenção que sempre nos foi dada. Em especial à minha orientadora Renata Melo Barbosa do Nascimento por ter desempenhado tal função com dedicação e amizade, e sempre com muita paciência e atenção necessária para a conclusão deste trabalho.

## MEMORIAL

É difícil pensar em como tudo aconteceu até chegar neste momento de agora, sentar para escrever o memorial da Faculdade, ou seja, está acabando todo aquele propósito inicial que eu fui ensinada a fazer. *“Estude para fazer uma faculdade”*, *“Se não fizer isso ou aquilo não conseguirá entrar na faculdade”*, isso parece loucura, parece o final de uma novela que foi muito aguardada pelo público.

Lembro ainda do meu primeiro espaço escolar, aos 3 anos de idade, salvo engano, onde tínhamos uma sala com carteiras e um pátio com escorregador. A escola, nesse início, não surgiu apenas como mera preocupação para com os estudos, mas também como necessidade, visto que ali pertinho trabalhavam meu pai e minha mãe. Tenho boas memórias de lá, apesar de muito pequena, uma das favoritas, era de quando, como uma surpresa, o padeiro que era colega de trabalho dos meus pais, aparecia na grade da escola para deixar o lanche, e às vezes até um doce ou dindim.

Após, lembro que ia para a “casa da Tia Cleidinha”, apenas duas ruas depois da minha casa, hoje ela é formada na área da saúde, mas para tirar uma renda extra e ajudar a vizinhança, dava aulas para as crianças que moravam aqui próximas. Mesmo sendo pela manhã eu gostava de ir pra lá, eu pegava uma bicicleta amarela, subia as ruas e gritava no portão.

Uma grande incentivadora dos meus estudos sempre foi minha mãe, minha família basicamente trabalhou e teve sua renda através de comércio e ela sabia que aquilo ela não queria pra mim, não desmerecendo o trabalho dos comerciantes, mas a jornada é exaustiva, o salário não era dos melhores, e eu vi a dificuldade da minha mãe para trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Outra grande lembrança na memória é abrir os olhos e ver um caderno de caligrafia pendurado na janela. Na época eu ficava tão brava e com tanta preguiça, mas era minha lição de todos os dias, que antes de sair para o serviço, minha mãe deixava. Não sei se ajudou muito olhando minha letra hoje, mas consigo perceber como aquilo era muito além de apenas aprender a escrever de maneira mais bonita.

Passei por poucas escolas nessa trajetória de vida, algo bom que me proporcionou conhecer muitos amigos e até o corpo docente do espaço, ao todo foram 1 creche, 4 escolas e 1 universidade que eu vou levar pra vida inteira.

Nesses espaços, além de conhecimento, eu fiz amigos e amigas pra vida inteira, inclusive professores e professoras, que agregaram na minha jornada acadêmica, e me fizeram aguentar todo esse processo que para quem reside longe da universidade é

exaustivo, desafiador e doloroso.

Escrevo aqui e vejo o quanto minha jornada de estudos foi sempre apoiada e reforçada, aos 15 anos, realizei meu sonho de estudar inglês em uma instituição pública, aos 18, já tinha meu diploma de ensino médio, inglês e estava finalizando o curso de espanhol.

Então vêm os temidos vestibulares, eu só pensava “meu Deus, eu preciso conseguir uma faculdade pública, apostaram todas as fichas em mim”, era um fardo que só eu sabia o quanto pesava, mas pesava e muito. Tentei a Universidade de Brasília e a Estadual do Goiás, além do PAS e do Enem, eu precisava conseguir nota para algum curso, qualquer fosse ele. A primeira boa notícia veio da UEG, pro curso que eu queria, Letras Português-Inglês em 15º lugar, um alívio se instaurou. Depois, na segunda chamada da UnB para minha segunda opção de curso, a Pedagogia. E agora? A universidade que eu sempre sonhei ou o curso que eu tanto almejei? Não me arrependo das minhas escolhas, a Universidade de Brasília se tornou uma casa pra mim, cada espaço da Faculdade de Educação, eu sinto que é meu também e que eu mereço estar ali.

Como disse nosso patrono da educação Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Obrigada professores e professoras, por me ajudarem a construir minha jornada, aqui se encerra um capítulo, mas ainda tem muito por vir.

## RESUMO

Tendo como princípio norteador a análise do documentário *Parece Comigo* (2016) de Kelly Cristina Spinelli, como forma de aprimorar os conhecimentos no campo das relações étnico-raciais e de gênero. Este artigo tem como objetivo, refletir como os/as docentes podem produzir uma metodologia de ensino que possa desenvolver uma educação anti-racista e anti-sexista. É interessante destacar o processo de socialização, e como este é pensado e construído como uma forma asséptica e indolor de produzir crianças e configurar infâncias em um processo social de exercício de poder e saber, que se impõe sobre as crianças. Os processos influenciam a população, sobretudo no que se refere à conservação das desigualdades e discriminações. No documentário *Parece Comigo* (2016), é explicado esse processo a partir do resultado dos efeitos psicossociais da ideologia racista, onde crianças negras apontam as próprias bonecas negras como bonecas más, de maneira que mostra intrinsecamente o racismo estrutural e institucional, intrínsecos nos imaginários dessas crianças. *Parece Comigo* (2016) apresenta uma maneira poderosa de lidar com o machismo e o racismo, meninas começam a enxergar seus fenótipos de maneira excepcional e positiva. Assim ampliam-se os conhecimentos sobre a educação étnico-racial, a consentir mergulhar na experiência da humanidade. Através de uma metodologia de pesquisa de levantamento bibliográfico e reflexões que permeiam um ensino feminista e sem preconceito racial para crianças da educação infantil a partir das perspectivas de bell hooks. Ao final é proposto uma sequência didática para se aplicar na educação infantil.

**Palavras-chave:** bell hooks, educação, infâncias negras, sequência didática.

## ABSTRACT

Taking as a guiding principle the analysis of the documentary "Parece Comigo" (2016) by Kelly Cristina Spinelli, as a way to improve knowledge in the field of ethnic-racial and gender relations. This article aims to reflect on how teachers can produce a teaching methodology that can develop an anti-racist and anti-sexist education. It is interesting to highlight the process of socialization, and how it is thought and built as an aseptic and painless way of producing children and configuring childhood in a social process of exercise of power and knowledge, which is imposed on children. These processes influence the population, especially with regard to the preservation of inequalities and discriminations. In the documentary "Parece Comigo" (2016), this process is explained based on the results of the psychosocial effects of racist ideology, where black children point to their own black dolls as bad dolls, showing intrinsically the structural and institutional racism inherent in the imaginations of these children. "Parece Comigo" (2016) presents a powerful way of dealing with sexism and racism, as girls begin to see their phenotypes in an exceptional and positive way. Thus, knowledge about ethnic-racial education is expanded, allowing for a deeper dive into the experience of humanity. Through a methodology of bibliographic research and reflections that permeate a feminist and racially unbiased education for children in early childhood from the perspectives of bell hooks, a didactic sequence is proposed for application in early childhood education.

**Keywords:** bell hooks, education, black childhood, didactic sequence.



## INTRODUÇÃO

A temática da primeira infância, vista a partir da perspectiva da diversidade racial, política educacional infantil, valorização e promoção da igualdade racial, é um desafio sobre os processos que levam as crianças a manifestarem suas subjetividades e diferenças raciais, principalmente ao que se refere às crianças negras. Dessa maneira, o presente artigo busca discutir esse tema a partir de uma metodologia de pesquisa bibliográfica de diversos autores, como bell hooks<sup>1</sup>, Cida Bento, Eliane Cavalleiro.

Ao assistir o documentário *Parece Comigo* (2016), dirigido por Kelly Cristina Spinelli, de pouco mais de 25 minutos, iremos analisar a partir de depoimentos de mães de crianças negras, crianças negras e bonequeiras<sup>2</sup> entrevistadas, a importância das representatividades positivas na infância, mostrando como os padrões estéticos racistas são introduzidos no imaginário das crianças desde cedo. A análise desse documentário será o foco do presente artigo, que nos proporcionará uma dimensão acerca de como educadores/as podem construir uma educação anti-racista e anti-sexista.

A segunda parte do artigo trata sobre a Lei 10.639/03, que obriga o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira na sala de aula e está completando 20 anos da sua criação, e seus reflexos no cotidiano escolar. Utilizando também obras de bell hooks e sua experiência como aluna e docente, a seção provoca reflexões sobre uma pedagogia empoderada, comunitária, feminista e anti-racista.

Ao final deste trabalho encontra-se uma sequência didática para alunos/as do 2º período da educação infantil, como sugestão para aplicação em sala de aula pelos/as docentes, na tentativa de construção de uma sociedade menos intolerante.

---

<sup>1</sup> bell hooks em letras minúsculas, é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins. O nome escolhido e a forma da escrita é um posicionamento político da renúncia egóica no âmbito intelectual. hooks quer que prestemos atenção em suas obras e em suas palavras, não em sua pessoa.

<sup>2</sup> Bonequeira é o termo utilizado no documentário *Parece Comigo* (2016) para se referir às mulheres que confeccionam bonecas.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

### **Tipo de estudo**

Trata-se de uma pesquisa com revisão bibliográfica, com análise de uma produção audiovisual. Este trabalho inclui a apreciação de pesquisas relevantes que dão suporte para tomada de decisões e a melhoria da prática, é um tipo de pesquisa desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Isto possibilita a síntese do estado do conhecimento de um determinado tema, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

A revisão bibliográfica adapta aos/as profissionais dados relevantes de um determinado contexto, mantendo-os atualizados e facilitando as mudanças na prática como decorrência e pesquisa. Método precioso para a educação, pois muitas vezes os/as profissionais não têm tempo para realizar a leitura de todo o conhecimento científico disponível. A metodologia escolhida foi adotada neste estudo para possibilitar a construção de uma análise ampla da literatura pesquisada, e nos permite identificar onde há deficiência de reflexões na área de atuação e refletir como os/as docentes podem produzir uma metodologia de ensino que possa desenvolver uma educação anti-racista e anti-sexista (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

### **Primeira Etapa: Questão Norteadora**

Para conduzir a revisão integrativa, formulou-se uma questão norteadora ou uma hipótese para definir os critérios de inclusão e exclusão do estudo. Neste estudo procurou-se responder a seguinte questão norteadora: Como docentes podem produzir uma metodologia de ensino eficaz para gerar uma educação anti-racista e anti-sexista?

### **Segunda Etapa: Critérios para inclusão e exclusão dos estudos**

Esta etapa está fortemente vinculada à anterior, pois a abrangência do assunto a ser estudado determina o procedimento de amostragem. Após a formulação da questão de pesquisa, inicia-se a busca nas bases de dados para identificar os estudos que serão incluídos na pesquisa.

Os artigos e livros selecionados cumpriram critérios de inclusão: Abordar o tema relacionado à educação e relações étnicos-raciais e de gênero, estar disponível em livre acesso, online e de forma gratuita e completa. E serão excluídos os artigos que não responderem a questão norteadora.

### **Terceira etapa: Definição das informações a serem extraídas dos estudos/Coleta de dados**

Nesta etapa se define as informações a serem extraídas dos estudos que foram selecionados para reunir e sintetizar as informações-chave. O revisor tem como objetivo nesta etapa, organizar e sumarizar as informações de maneira concisa, formando um banco de dados de fácil acesso e manejo. Será definido o período de busca dos artigos, as bases de dados e a definição dos descritores (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

O levantamento dos dados bibliográficos constituiu nas bases de dados eletrônicas: Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e GOOGLE Acadêmico, a fim de reunir informações específicas relevantes para a realização da investigação e confiabilidade dos dados contidos nos periódicos.

Foram usadas as seguintes palavras-chaves: Cinema; Educação; Infâncias Negras; bell hooks. Desse modo acredita-se que se possam alcançar os objetivos e apresentar a realidade o tema abordado.

A importância das bases de dados como recurso para realizar a revisão de literatura de trabalhos científicos possibilita ter acesso a diversos arquivos. Através dessas bases, pode-se pesquisar e divulgar estudos a fim de transmitir conhecimento.

### **Quarta etapa: apresentação da revisão**

A revisão bibliográfica deve incluir informações suficientes que permitam ao leitor/a avaliar a pertinência dos procedimentos empregados na elaboração da revisão, os aspectos relativos ao tópico abordado e o detalhamento dos estudos incluídos.

## INFÂNCIA E RELAÇÕES SOCIAIS

Inicialmente, é interessante destacar, que o processo de socialização foi pensado e construído como uma forma asséptica e indolor de produzir crianças e configurar infâncias em um processo nada simples, muito menos fácil. A socialização é um processo social de exercício de poder e saber, que se impõe sobre as crianças (BENTO, 2012).

Compreendemos a importância desse processo quando lemos as experiências relatadas nas obras de bell hooks<sup>3</sup> (2013), a partir de sua percepção e sua própria experiência:



**FIGURA 1 - Parece comigo**  
Fonte: (<https://cirandadefilmes.com.br/filmoteca/parece-comigo/>)

Quando entramos em escolas brancas, racistas e dessegregadas, deixamos para trás um mundo onde os professores acreditam que precisam de um compromisso político para educar corretamente as crianças negras. De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçam os estereótipos racistas. Para crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática da liberdade (HOOKS, 2013, p. 12).

Conhecendo o conjunto das interações sociais, as crianças se habitam como parte da realidade e de acordo com a forma em que são tratadas, desta maneira, interioriza uma autoimagem que influencia na edificação de suas identidades. Neste contexto, ao procurar conhecer as relações sociais entre crianças, quanto às diferenças étnico-raciais podemos nos apoiar em Eliane Cavalleiro (2003) quando afirma que,

---

<sup>3</sup> bell hooks em letras minúsculas, é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins. O nome escolhido e a forma da escrita é um posicionamento político da renúncia egóica no âmbito intelectual. hooks quer que prestemos atenção em suas obras e em suas palavras, não em sua pessoa.

numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros. (...) Uma imagem desvalorativa/inferiorizante de negros, bem como a valorativa de indivíduos brancos, possa ser interiorizada, no decorrer da formação dos indivíduos, por intermédio dos processos socializadores. Diante disso, cada indivíduo socializado em nossa cultura poderá internalizar representações preconceituosas a respeito desse grupo sem se dar conta, ou até mesmo se dando conta por acreditar ser o mais correto (CAVALLEIRO, 2003, p. 19).

Os processos de constituição infantil precisam de estudos com atenção nas relações educacionais, associadas à vivência de crianças no cotidiano, enfrentando as práticas sociais racistas e estereotipadas sobre o seu próprio grupo social. As instituições de ensino contribuem para espaços de encontros de distintas identidades, subjetividades, etnias, gêneros e corporeidades. E é claro, que na nossa sociedade torna-se marcada pelos fatores culturais, que permanecem enraizados de maneira negativa, com estigmas e estereótipos de inferioridade que colaboram para a constituição das identidades, tanto de sujeitos negros como brancos (GAUDIO; CARVALHO, 2010).

As relações sociais no Brasil foram organizadas de modo muito particular e complexo; dentre essas relações estão as raciais, que atuam fortemente no cotidiano da sociedade. É fundamental lembrar aspectos da história brasileira, que nos levam ao marco das relações entre brancos/as e negros/as do período pós-regime escravocrata. Entre esses aspectos, podemos citar a preocupação com a constituição da composição social, racial e cultural brasileira, bem como, projetos de “aculturação” e políticas de branqueamento, como por exemplo o papel de nossos livros didáticos.

O livro didático, ao vincular estereótipos que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais que se conjugam com a não legitimação pelo Estado dos processos civilizatórios indígenas e africanos, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação (SILVA, 1995, p. 57).

Os processos continuam influenciando a população, sobretudo no que se refere à conservação das desigualdades e discriminações. Sobre esse assunto Lima e

Veronese afirmam que,

Durante e após o fim da escravidão, os negros tiveram que conviver com a discriminação racial. A abolição de cunho muito mais formalista tratou de colocar os grupos sociais negros à própria sorte. Eram considerados seres inferiores, não adaptáveis ao trabalho livre, vadios e ociosos. Receberam adjetivos herdados de um passado de quase mais de quatro séculos de escravidão e da disseminação das teorias eugenistas, que quase viam na mestiçagem brasileira a degradação da raça humana. Não se pensou nos negros no Brasil, porque era necessário criar um Estado sob os moldes dos países europeus; era preciso melhorar a raça, ou seja, transformar o país numa população branca e civilizada (LIMA; VERONESE, 2011, p. 46).

Maldonado Torres diz explicitamente “que respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente” (2007, p. 131), guiada pela metáfora do autor, que nos informa que o racismo nas Américas e, principalmente o racismo ambíguo brasileiro, é um dos pulmões por onde se disseminam a colonialidade e o colonialismo presentes nos imaginários e nas práticas sociais, culturais, políticas e epistemológicas brasileiras, de maneira que qualquer prática que foge à regra do colonizador é subjugada.

O reconhecimento e a vontade política para descolonizar a mente, a política, a cultura, os currículos e o conhecimento, não são suficientes. Para ocorrer essa descolonização tem que acompanhar a ruptura epistemológica, política e social que se realiza também na presença negra nos espaços de poder e decisão; nas estruturas acadêmicas; na cultura; na gestão da educação, da saúde e da justiça. Assim, para ocorrer de fato a descolonização, precisa alcançar não somente o campo da produção do conhecimento, como também as estruturas sociais e de poder.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> A descolonização está ligada às lutas anticoloniais que marcaram as independências de colônias e pode ser definida como um processo de superação do colonialismo e das relações de opressão que resultaram. A descolonização é um termo utilizado para se contrapor ao colonialismo. Para maiores esclarecimentos sobre o tema ver: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.



**FIGURA 2-** Relações Ético-raciais na escola

Fonte:

(<https://novaescola.org.br/conteudo/19872/consciencia-negra-10-perguntas-e-respostas-sobre-o-trabalho-com-as-relacoes-etnico-raciais-na-escola>)

Essas reflexões estabelecem um pensamento pedagógico emancipatório, determinado por outros sujeitos e geram outras pedagogias. Um aforismo pedagógico pautado em uma visão emancipatória dos sujeitos, do conhecimento e das experiências sociais. De acordo com Arroyo,

[...] os Outros Sujeitos mostram o peso formador da diversidade de resistências de que são sujeitos. Todas as suas vivências narradas se entrelaçam às práticas coletivas de resistências. Práticas de saber-se e armar-se resistentes e ter acumulado saberes de resistir aos brutais processos de subalternização. Não falam de saberes em abstrato, mas de pedagogias, de saberes, de aprendizados de reações e resistências concretas à escravidão, ao despojo de seus territórios, suas terras, suas águas, suas culturas e identidades. Teorias pedagógicas de resistência coladas e aprendidas em práticas, lutas, ações coletivas, no resistir à destruição e, sobretudo, na retomada da agricultura familiar, da construção de um teto onde abrigar a família, de sair do desemprego (2012, p. 24).

Essa longa citação, reafirma os aspectos que envolvem a população negra num contexto histórico amplo, quando lidamos com as relações raciais, estamos lidando com uma situação social no qual as relações e o imaginário social são fortemente marcados por formas de compreensão construídas socialmente e bastante enraizadas nas manifestações de racismo. Portanto, os vínculos na educação infantil nos levam a pensar a respeito e a questionar as construções desses elos entre as crianças brancas e negras no Brasil contemporâneo, inclusive visível na construção de estética idealizada como a branca.

Explicar desigualdades raciais e de gênero e suas articulações no sistema

educacional, se mostra a partir da ampliação dos aportes teóricos constituídos nos campos da Sociologia da Educação e da História, no que tange às desigualdades educacionais, por exemplo. Outro ponto importante para nossa reflexão é a psicologia da infância, pautada por Sarmiento, que diz que devemos considerar a infância como uma categoria geracional intrínseca, compreender as crianças a partir de sua singularidade como outros múltiplos em relação aos adultos e avaliar criticamente as perspectivas teóricas que constroem a infância<sup>5</sup>.

A partir dos anos 2000, muito se tem pensado sobre as múltiplas infâncias das crianças, seu acesso e permanência nas instituições de educação infantil e como os racismos impactam nesse processo<sup>6</sup>. Neste sentido, acerca das relações raciais e de gênero, Cida Bento em 2012, explicou que estamos lidando com uma situação social no qual as relações e os imaginários sociais, são fortemente marcados por formas de compreensão construídas socialmente e bastante enraizadas.

Procurando se distanciar de um passado antidemocrático, a educação infantil brasileira, forma um subsetor das políticas educacionais e um campo de práticas e conhecimentos que estão em construção. Esse sistema de ensino está desde 1996 legalmente integrado (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), tendo o poder de facilitar o trabalho democrático num viés anti-racista e anti-sexista dentro das escolas, porém, essa política também depende dos/ass docentes.

No trabalho de Rosemberg (2006)<sup>7</sup>, encontramos a percepção de que as desigualdades observadas entre brancos/as e negros/as no acesso a bens materiais e simbólicos, se devem ao racismo constitutivo da sociedade brasileira. Uma concepção de que o racismo brasileiro atua concomitantemente nos planos material e simbólico, nos levando a sustentar uma ideologia da superioridade natural dos brancos sobre os demais grupos sociais como: negros/as, indígenas e asiáticos/as, nítido nas produções de audiovisual, que têm a população não branca subrepresentadas ou em papéis de pouca expressão.

---

<sup>5</sup> SARMENTO, Manuel Jacinto e Pinto. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: M. Pinto e M. J. Sarmiento (Coord.), *As crianças: contextos e identidades* (9 – 30). Braga. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2005.

<sup>6</sup> Ver: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.

<sup>7</sup> ROSEMBERG, F. **Estatísticas educacionais e cor-raça na educação infantil e no ensino fundamental**. Estudos em avaliação educacional. São Paulo: v. 17, n. 33, 2006.





**FIGURA 3-** Construindo caminhos.

Fonte:

<https://unilab.edu.br/2016/03/21/seminario-candeias-construindo-caminhos-para-a-educacao-etnico-racial-aprofunda-reflexoes-sobre-a-tematica-afro-brasileira/>

Simbolicamente, os racismos operam de maneira aberta ou velada e essas formas dos racismos tornam-se devastadoras; pensando no plano material de maneira geral, negros/as não têm acesso aos mesmos recursos que brancos/as, no que se refere às políticas públicas quando analisamos às disparidades vistas até hoje nas condições das repartições de bens públicos (BENTO, 2012).

É necessário apontar as necessidades de alterações e diálogos entre a gestão do sistema de ensino, na implantação e efetivação de políticas que considerem a promoção da igualdade racial em todas as etapas da educação básica, e o cinema pode ser um grande aliado para a desconstrução de tais imaginários.

Portanto, vale enfatizar que a intelectual bell hooks, através de suas reflexões, nos orienta para um olhar mais atento às infâncias, ao enfatizar uma perspectiva crítica, como possível caminho para a promoção da liberdade. Que nos leva a reflexões acerca das práticas pedagógicas, como um lugar político e de resistência.

Para tal, é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre a população negra, denunciar os racismos e a discriminação racial e programar ações afirmativas voltadas para negras e negros, ou seja, é preciso superar, reconhecer e romper com o mito da democracia racial.

Mas a escola não precisa fazer isso sozinha, atualmente, além da lei 10.639/03 e das diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais, e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, existe uma produção mais consistente sobre a temática racial, que deve ser incorporada como fonte de estudos para

educadores/as e o curta - metragem *Parece Comigo* (2016), nos auxiliará nesta função, pois nos dará uma dimensão de como podemos abordar uma educação anti-racista e anti-sexista. O mesmo aborda a falta de bonecas negras fabricadas e comercializadas no Brasil. Cumpre uma reflexão a partir da militância negra, que envolve crianças e bonequeiras, dispostas a discutir a questão da autoestima e pertencimento de crianças negras.

### ***PARECE COMIGO (2016)***

Com uma música embalando o início do documentário, é mostrado de início às mãos de uma criança negra brincando com uma casinha de bonecas. Vemos que a maioria das bonecas apresentadas são bonecas de pano pretas e de cabelo crespo, algo que não é muito comum de se encontrar em lojas de brinquedos. Segundo a campanha “Cadê nossa boneca?” promovida pela eduK<sup>8</sup> no ano de 2016, com a participação de Mylene Alves, psicóloga e uma das idealizadoras, realizada sob a chancela da Avante – Educação e Mobilização Social e veiculada pelo jornal metrópoles em 2020, bonecas negras são apenas 6% das fabricadas e 9% das vendidas no país, além de serem mais caras que as bonecas brancas.<sup>9</sup>

Ana Fulô, uma bonequeira negra, inicia seu relato enquanto confecciona algumas bonecas. Fulô explica que em determinado dia, algumas crianças iriam fazer suas próprias bonecas e que poderiam utilizar a lã e o linho para fazerem os cabelos, mas que esse material não representava o cabelo desejado pela neta de Ana. A neta da narradora, uma criança negra e de cabelo crespo, buscando alguma maneira de se identificar ao construir sua própria boneca, pergunta para a professora o que ela poderia usar para fazer os cabelos, a professora então manda a menina colocar bombril no cabelo.

É neste momento que Ana Fulô, percebe que deveria fazer alguma coisa que pudesse elevar a autoestima não somente de sua neta, como de outras meninas negras. Porém, a dificuldade já começa quando não se encontra no mercado com facilidade, cabeças de bonecas negras para confecção, e neste caso, é usada a cabeça de uma boneca branca revestida com um tecido, para então se alcançar os tons de pele

---

<sup>8</sup> Plataforma de educação online segmentada.

<sup>9</sup> <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>  
<https://www.metropoles.com/brasil/bonecas-negras-sao-apenas-6-das-fabricadas-e-9-das-vendidas-no-pais>

desejados.

Outra bonequeira se junta ao documentário, Andrea Ramos, falando sobre se tratar de uma questão de cotas raciais nas bonecas negras nas prateleiras das lojas. A variedade é quase nula, as bonecas brancas podem cantar, dançar, chorar, ter acessórios, profissões diferentes, e as bonecas negras não, porque não há fabricantes pensando nessas possibilidades.

Cantando uma música de sua composição em 2008, Joyce Fernandes - conhecida como Preta Rara<sup>10</sup>, uma rapper negra, detalha como foi a questão do brincar com as bonecas na infância, pois as que estavam disponíveis eram bonecas brancas. Há um refrão que diz: “Meninas negras não brincam com bonecas pretas”. Outra fala importante da rapper, escritora e historiadora, diz como as crianças acabam não percebendo que não existia esse brinquedo que poderia trazer uma identificação maior



**FIGURA 6-** Brinquedos na infância.

Fonte:

<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/documentario-parece-comigo-trata-da-falta-de-bonecas-pretas-no-mercado-brasileiro>

com ela, como exemplo ela cita a pesquisa do teste das bonecas de 1940.

O teste citado, foi desenvolvido pelos psicólogos Kenneth Bancroft Clark e Mamie Phipps Clark em 1940, época da segregação racial nos Estados Unidos, chamado “*The Clark Doll Experiment*”, que teve como objetivo demonstrar como o preconceito estava sendo interiorizado desde muito cedo nas crianças da época, a ideia era mostrar como existia uma apreensão das crianças em relação à raça e também

---

<sup>10</sup> Joyce da Silva Fernandes, conhecida pelo nome artístico Preta-Rara, é uma rapper, professora, historiadora, feminista e ativista brasileira. Se destaca na luta contra a inferiorização de empregadas domésticas, com foco na questão racial. Em 2016, criou a página “Eu Empregada Doméstica” onde compartilhava de situações vividas enquanto ocupava essa função empregatícia. Criou o *Guia de Direitos das Trabalhadoras Domésticas* em colaboração com o Observatório dos Direitos e Cidadania da Mulher e o coletivo feminista Como uma Deusa, em 2017. E após, transforma o “*Eu, Empregada Doméstica*” em uma obra literária com o subtítulo “*A senzala moderna é o quatinho da empregada*” no ano de 2019.

observar as atitudes em relação a identificação dos brinquedos e a si próprias. A maneira em que os pesquisadores começaram a observar, foi utilizando instrumentos lúdicos como bonecas, às quais já estariam familiarizadas. O relato do próprio pesquisador Clark para essa pesquisa nos estarrece quando afirma que,

Entre as crianças de seis a nove anos que testei, em um total de 16, dez escolheram a boneca branca como sendo sua favorita, aquela da qual gostavam. Dez delas também consideraram a boneca branca como a “legal”, e acho que os senhores não devem perder de vista que essas duas bonecas eram absolutamente idênticas em todos os aspectos, com exceção da cor da pele. Onze dessas 16 crianças escolheram a boneca marrom como aquela que parecia má. Esse dado está de acordo com os resultados anteriores que havíamos obtido ao testar mais de 300 crianças. Interpretamos tais resultados como indicativos de que as crianças negras aceitam, já aos seis, sete ou oito anos, os estereótipos negativos sobre seu próprio grupo. (GERRIG; ZIMBARDO, 2005, p. 34)

Trata-se de uma citação longa, porém necessária para que possamos perceber a importância do experimento, que foi repetido em diversas épocas, contextos e lugares, mas os resultados continuaram semelhantes. Clélia Prestes, mestre em psicologia social, comenta sobre o experimento em *Parece Comigo* (2016), e explica como ele é resultado dos efeitos psicossociais da ideologia racista, onde crianças negras apontam as próprias bonecas negras como bonecas más, de maneira que mostra intrinsecamente o racismo estrutural e institucional, introjetados nos imaginários dessas crianças.

Carolina Monteiro, que aparece no documentário para dar seu depoimento, aos 8 anos de idade gravou um vídeo relatando que sua amiga a questionava sobre o porquê do seu cabelo ser duro e a resposta de Carolina é firme: “Meu cabelo não é duro, duro é aguentar gente ignorante falando que meu cabelo é duro”. Para as bonequeiras do documentário, a questão da venda de bonecas negras, atinge um patamar além da lógica capitalista, que busca apenas lucrar em cima de causas legítimas. A confecção das bonecas começa como resistência, afirmação de que crianças negras têm o direito de brincar e se identificar em suas brincadeiras. Até mesmo os acessórios devem ser pensados para as crianças se afirmarem no meio em que vivem, bem como na utilização de turbantes, tranças, vestidos remetidos às religiões de matriz africana, roupas de capoeira.



**FIGURA 7- Cultura negra.**

Fonte: (<https://curtadoc.tv/curta/comportamento/parece-comigo/>)

O documentário apresenta uma maneira poderosa de lidar com o sexismo e o racismo, meninas novas começam a enxergar seus fenótipos de maneira excepcional e positiva. Compreender a cor da pele, a curvatura dos cabelos, a sua ancestralidade e encontrar produtos que as representam é uma das formas de aumentar a autoestima e incluir perspectivas diversas nos currículos<sup>11</sup> e no projeto político pedagógico<sup>12</sup> da escola.

Na finalização do documentário, a psicóloga Clélia Prestes, analisa a importância da diversidade para as crianças durante a infância, como brincar tanto com bonecas de sua cor e raça, como de outros grupos étnico-raciais. A problemática para crianças negras que só possuem bonecas brancas é a questão da identificação, de encontrar sua beleza representada naquela boneca. Lembrando que toda construção da autoestima, necessita dessa construção social. E para as crianças brancas, que estão naturalizadas e associadas aos modelos padrões de normalidade, beleza e estética, devem ser levadas a desconstruir esse lugar naturalizado da branquitude<sup>13</sup> e se deslocar para uma percepção estética não universal.

---

<sup>11</sup> A base das práticas pedagógicas, envolvem os conteúdos que serão estudados, as atividades realizadas e as competências que devem ser desenvolvidas, como objetivo da formação plena dos discentes.

<sup>12</sup> É o instrumento norteador para a atuação do estabelecimento de ensino, expressa as práticas pedagógicas de uma escola ou Universidade e seus cursos, dando direção à gestão e às atividades educacionais.

<sup>13</sup> Como nos informa Cida Bento “é uma espécie de pacto, um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil”(2017, p. 26).

## EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Na educação a atividade fundadora como exemplo: desenho livre, o texto livre, as aulas-passeio, o livro da vida, depara com repertórios próprios, isso pelo seu formato de expressão singular, possibilitando subsídios para a infância que nenhuma outra área permite de forma similar. Contudo, obtém-se um conjunto de contribuições para o ensino e para a experiência estética.

Diante disso, ampliam-se os conhecimentos sobre a educação, ao consentir mergulhar na experiência da humanidade, para tanto, os sujeitos/as podem criar novas imagens e reelaborar, no método criador, suas experiências sociais, e analisar como foram trazidas as disciplinas incluídas na educação infantil, por fim, se havia disciplinas que atendiam à Lei n. 11.645, de 10 março de 2008 (BRASIL, 2008) que,

Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, na formação desenvolvida nas licenciaturas (Brasil, Lei n. 11.645, 2008).<sup>14</sup>

A cultura através do cinema e audiovisual, foram construída através dos anos, da história, lembrando que a sociedade produz novos conhecimentos o tempo todo, e as gerações subsequentes empregam e transformam dialeticamente.



**FIGURA 4-** Orgulho de ser negra.

Fonte:

(<https://educacaointegral.org.br/experiencias/por-meio-das-artes-professora-ab>

<sup>14</sup> BRAS...[orda-questoes-raciais-e-de-genero-na-educacao-infantil/](https://educacaointegral.org.br/experiencias/por-meio-das-artes-professora-ab))

Agora abordando as experiências de bell hooks em relação à educação, desde o início de seus estudos, têm-se considerado um ato contra a supremacia de um povo sobre outros, uma luta ou um modo de combater todas as estratégias de colonização racista. A educação de acordo com a visão da pensadora, deve ser uma prática de liberdade, um modo e uma maneira de ensinar, na qual qualquer pessoa aprende. Esta é uma pedagogia engajada, em que alunos/as e professores/as são convocados/as a partilhar e se conectar.

Em um de seus livros como o *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, bell hooks destaca duas questões importantes no campo da educação, primeiro a educação como prática da liberdade e logo após a educação que é construída para a dominação. Seu pensamento dialoga com o educador Paulo Freire, que tem como propósito construir uma educação para libertar, uma educação que transforme a vida e a realidade das pessoas.

bell hooks elabora em seus conceitos sobre sua própria experiência enquanto estudante, em um contexto de segregação racial, e também enquanto professora, problematizando a supremacia branca. Em seu pensamento vemos um mundo político que todos nós podemos de certa forma, nos enquadrar e relacionar, muito oportuno também em nosso contexto nacional. A educação construída no espaço escolar, tem sido fundamentalmente uma educação repressora, ancorada em moldes tradicionais e hierárquicos. Desta forma, a autora reivindica outro modo de construir esta educação. Propõe que uma educação como prática da liberdade, que promova uma educação antirracista e antissexista, onde o ambiente da sala de aula deva estar pautado em uma perspectiva feminista, ou seja, considerando as vozes das mulheres e dos diversos sujeitos/as que historicamente têm sido excluídos/as ou invisibilizados/as.

A educação e a pedagogia crítica para a liberdade apontam a importância da educação como uma prática social humanista. No contexto brasileiro e mundial a educação tem sido considerada a partir da ótica do mercado e muitas vezes tem sido o espaço de desinformação. Considerável parte dos sistemas educacionais tem sido excludentes, preconceituosos promotores de dominação: “a sala de aula não é lugar para as estrelas, é um lugar de aprendizado” (HOOKS, 2019, p. 216).

hooks (2019) questiona as pedagogias existentes e a proposição da pedagogia

engajada e comunitária, sempre enfatiza uma pedagogia feminista como uma alternativa. A pedagogia engajada citada por ela, necessariamente valoriza a expressão dos/as alunos/as. Destaca que é preciso ouvir as experiências e saberes dos/as estudantes, principalmente quando se trata de questões étnicas, pois muitas vezes as crianças negras não têm tido apoio dos/as professores/as, e isto tem feito com que muitos/as estudantes desistam de estudar. Para os/as professores/as cabe um processo constante de auto atualização e busca por compreender e promover entre os/as estudantes uma educação para a liberdade.

Os conceitos nos revelam a teorização sobre a temática racial, e também as diferentes interpretações que a sociedade brasileira e os/as atores e atrizes sociais, realizam a respeito das relações raciais. É importante neste contexto, destacar o papel dos movimentos sociais, como o dos Movimentos Negros, que redefinem a questão social e racial na sociedade brasileira, dando-lhe uma dimensão e interpretação política, pois os movimentos sociais em todo esse processo cumprem uma importante tarefa, não só a de denunciar, bem como reinterpretar a realidade social e racial brasileira, como o papel de reeducação da população, dos meios políticos e acadêmicos.

As identidades negras se constroem gradualmente, em um movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades, onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Ordinariamente este processo tem início na família, e vai criando ramificações, desdobramentos a partir das outras relações que o/a sujeito/a estabelece (GOMES, 2012). Neste caso, o documentário *Parece Comigo* (2016), cumpre esse papel de provocar, ampliar e estabelecer uma verdadeira pedagogia antirracista e antissexista, através das imagens. Portanto, “as representações veiculadas nos discursos, palavras, mensagens e imagens cinematográficas podem servir de guias para a interpretação da realidade” (NASCIMENTO, 2020, p. 16-17).

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Após o docente assistir ao documentário *Parece Comigo* (2016), sugerimos algumas atividades para serem realizadas no cotidiano da turma. Com o objetivo de enfatizar



uma educação anti-racista e anti-sexista na primeira infância. Através de oficinas de confecção de bonecas Abayomis, trabalhar a questão do lápis “cor de pele”, usar as obras de literatura infantil de bell hooks, *Meu crespo é de rainha*, por exemplo, utilizar nos momentos de lazer obras que mostrem a cultura negra como *Meninas Negras* de Madu Costa e a animação *Hair Love* (2019) de Mathew A. Sherry, e atividades com a utilização de palavras da cultura negra. É livre a inclusão de outras atividades pensadas para o tratamento da questão.

### **Objetivos:**

- Identificar a compreensão dos/as alunos/as sobre a cor de pele;
- Discutir os diferentes tipos de cabelo e cor de pele no mundo;
- Analisar durante as aulas a mudança de percepção das crianças;

### **Metodologia 1:**

Sondagem.

Começar questionando as crianças sobre o conceito do que é bonito ou feio nos diferentes povos. Promover uma roda de conversa para atualizar pré-conceitos vistos na linguagem e orientar para a remoção dessas palavras do vocabulário, por exemplo: Cabelo ruim, criado mudo, ‘a coisa tá preta’ com referência a algo ruim, mercado negro, magia negra.

### **Metodologia 2:**

O lápis “cor de pele”.

Levar o desenho de um/uma boneco/a para cada criança colorir. Depois entregar e pedir para que cada um/uma pinte o/a boneco/a com a cor que eles/elas acharem mais interessante.

Após analisar a percepção do que é o “belo” para cada criança, realizar uma roda de conversa com as crianças, pedindo para que as mesmas expliquem os motivos que os/as levaram a escolher determinada cor.

### **Metodologia 3:**

Confecção de bonecas Abayomis e sua origem.

Propor que os/as alunos/as levem retalhos de tecidos coloridos e pretos para a aula.

Organizar a sala em pequenos grupos e ir confeccionando as bonecas Abayomis, com nós e tiras de tecido. Explicar sobre a origem das bonecas.

#### **Metodologia 4:**

Hora da leitura.

Ler o livro *Meu crespo é de rainha* de bell hooks em um roda. Questionar as crianças sobre qual a importância de respeitar os diferentes tipos de cabelos, o que se pode fazer quando se vê alguma situação ruim acontecendo com o/a colega.

#### **Metodologia 5:**

Cinescola.

Passar alguma animação infantil: *Hair Love* (2019), por exemplo. Conversar sobre como a protagonista vive uma vida longe dos preconceitos, em sua comunidade com várias pessoas de raça e cor diferentes.

#### **Duração da Sequência:**

Atividades quinzenais de 1 aula - cerca de 50 minutos.

#### **Recursos:**

Lapís de cor; Giz de cera; Retalhos de pano; Tesoura; Folha A4; Livro “Meu crespo é de rainha”; Mídia audiovisual;

#### **Público Alvo:**

Educação infantil - 2º Período



## CONCLUSÃO

O documentário analisado neste artigo nos expõe um viés pouco explorado nas discussões sobre questões raciais e de gênero e no próprio fazer pedagógico, nos mostra que a militância das bonequeiras, mulheres negras que confeccionam bonecas negras artesanalmente para vender, contra o comportamento de uma indústria de brinquedos que, quando muito, produz dois tipos de bonecas negras (como uma espécie de cota), ignorando a realidade de um país onde mais de 53% da população é negra, segundo dados do IBGE do ano de 2020.

O documentário *Parece Comigo* (2016), só reafirma como é implementada na nossa cultura as desigualdades históricas que vêm desde a infância. Ele mostra histórias tocantes sobre o primeiro contato com bonecas negras, pois muitas pessoas que tiveram contato com o tema apresentado neste documentário, têm a mesma reação: “*nossa eu nunca tinha pensado sobre isso*”. Num primeiro momento, é impactante ver que questões relacionadas à infância muitas vezes passam despercebidas. Como poderemos ter gerações melhores no futuro, se a gente não prestar atenção nas crianças e no quanto essas podem ser influenciadas.

Ao observarmos a dinâmica da disputa de narrativa focadas na perspectiva econômica, como base nas desigualdades raciais, ignorando os meandros do racismo estrutural. As mulheres que se dedicam às bonecas negras também esbarram na naturalização da não representatividade pelos próprios/as sujeitos/as negros/as, num processo que as entrevistadas chamam de interiorização do preconceito.

Além disso, existe uma quantidade significativa de grupos culturais, grupos juvenis, entidades dos Movimentos Negros como podemos destacar a AGANJU – Afro Gabinete de Articulação Institucional e Jurídica, CEERT - Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, Geledés – Instituto da Mulher Negra, Instituto Marielle Franco, MNU – Movimento Negro Unificado, Mulheres Negras do DF, e ONG’s de destaque temos a *Coalizão Negras Por Direitos* que reúne lideranças e entidades dos movimentos negros para a incidência política no Congresso Nacional e também realiza palestras e seminários sobre tópicos de desigualdade racial, convoca manifestações e organiza eventos de financiamento coletivo em prol de questões dentro da causa dos negros/as, *A Crioula* que atua na defesa e promoção dos direitos das mulheres negras e na proteção dos valores de justiça, equidade e solidariedade e promove ação política e mobilização social por meio de estudos, pesquisas,

campanhas e eventos. Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, que tem como principal objetivo a pesquisa e a extensão no campo de estudos afro-brasileiros e suas ações afirmativas em favor da população de negros e negras, voltados para o contexto da História Africana e Cultura Afro Brasileira, que podem ser chamados para dialogar e trabalhar conjuntamente com as escolas e com as secretarias de educação, para a construção e implementação de práticas pedagógicas voltadas para a educação étnico-racial.

Documentários e obras cinematográficas são formas de comunicação que podem ser utilizadas de maneira eficaz, como ferramentas de ensino em sala de aula. Auxiliando a educação formal, mostrando a importância da utilização da tecnologia do cinema e audiovisual, potencializando o enriquecimento cultural, desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico, estímulo às discussões e debates, potencializando a aprendizagem mais diversificada, dinâmica e inclusiva. Dessa forma, documentários e obras cinematográficas podem ser uma ferramenta valiosa na Educação formal, complementando e enriquecendo a aprendizagem dos/as alunos/as de uma forma única e significativa.

Pensamos que os diálogos, as discussões, a convivência respeitosa e digna entre os segmentos sociais, são, de um lado, formas de superação dos racismos e sexismos, de outro lado, formas de construção de uma verdadeira democracia racial. A educação está cada vez mais personalizada, adaptada ao ritmo e estilo de aprendizagem únicos de cada aluno/a. É dessa maneira que enxergamos o futuro da educação, com a utilização de maneira positiva de tecnologias como o cinema e o audiovisual em sala de aula. Tendo como meta constante uma aprendizagem atualizada, e sintonizada e visando adquirir novas habilidades. Que os movimentos sociais, grêmios estudantis continuem com a importante tarefa de questionar os modelos tradicionais para que a mudança seja positiva para todos e todas. Esta é a meta desejada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. **Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano**. *Psicol. Soc.* [on-line], v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014. ISSN 1807-0310.

BENTO, MARIA APARECIDA SILVA. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais**. São Paulo: Centro de estudo das relações de trabalho e desigualdades CEERT- 2012.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón.(Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

Bonecas negras são 6% das fabricadas e 9% das vendidas no país, por Mariana Costa. <https://www.metropoles.com/brasil/bonecas-negras-sao-apenas-6-das-fabricadas-e-9-das-vendidas-no-pais> Acesso em: 13 DEZ. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 11.645**, de 10 março de 2008. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro Brasileira e Indígena”. Disponível em: Acesso em: 27 DEZ. 2022.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra, por Eunice

Prudente.

<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasil-eira-e-negra/>

Acesso em: 26 JAN. 2023.

GAUDIO, Eduarda Souza; CARVALHO, Thaís Regina de; **Em busca de novos paradigmas para a educação: Incorporando práticas para a implementação da Lei Federal 10639/03 na educação infantil.** 2010 84 p.: Relatório final de estágio (Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de Pedagogia, Florianópolis, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil, uma breve discussão.** Açãoeducativa.org.br, 2012.

HENRIQUES, RICARDO. **Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90.** Instituto de pesquisa econômica aplicada. Rio de Janeiro, N° 807. 2001.

HOOKS, BELL. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, BELL. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, BELL. **O feminismo é pra todo mundo: políticas arrebatadoras.** 10. Ed. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, BELL. **Olhares negros: raça e representação.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LIMA, Fernanda da Silva. VERONESE, Josiane Rose Petry. **Mamãe África, cheguei ao Brasil: os direitos da criança e do adolescente sob a perspectiva da igualdade racial.** 1. ed. Florianópolis: Editora da UFSC/ Fundação Boiteux, 2011. v. 1. 266 p.

MALDONADO TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser:** contribuciones al desarrollo de um concepto. In: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007. p. 127-167.

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO, C.M. **Revisão integrativa:** método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto Contexto-Enferm. v.17, n.4, 2008.

NASCIMENTO, Renata Melo Barbosa do Nascimento. **Mulheres Negras em Rio, 40 Graus (1955):** representações de Nelson Pereira dos Santos. Curitiba: Appris, 2020.  
NEVES, P. S. da C. Luta anti-racista: entre reconhecimento e redistribuição. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 59, out. 2005, p. 81-96.

ROSEMBERG, F. **Estatísticas educacionais e cor-raça na educação infantil e no ensino fundamental. Estudos em avaliação educacional.** São Paulo: v. 17, n. 33, 2006.

SARMENTO, MANUEL JACINTO E PINTO. **As crianças e a infância:** definindo conceitos, delimitando o campo. In: M. Pinto e M. J. Sarmento (Coord.), As Crianças: Contextos e Identidades. (9–30). Braga. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2005.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático.** Salvador: CED; CEAO, 1995.

SILVA, MARIA CRISTINA DA ROSA FONSECA. **Educação estética:** contribuições para pensar na formação de professores de artes. Art Reserch Journal. UFRN. V.4, n.2 Jun/Dez 2017.



VIGOTSKI. **“aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, SP: Editores Associados, 2004.